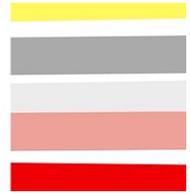


**AFLUENTE:  
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA**



**A VOZ FEMININA E NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA  
OITOCENTISTA: A AUTORA E AS PERSONAGENS DE ÚRSULA**

***BLACK FEMALE VOICE IN BRAZILIAN LITERATURE FROM XIX CENTURY:  
AUTHORESS AND CHARACTERS IN URSULA NOVEL***

Profa. Dra. Maria Valdenia da Silva  
Universidade Estadual do Ceará  
maria.valdenia@uece.br

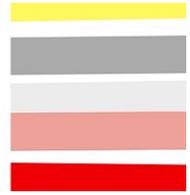
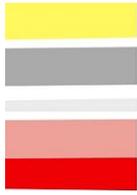
Profa. Francisca Lisiani da Costa Rodrigues  
Universidade Estadual do Ceará  
rodrigueslise@hotmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta uma análise da representação da mulher presente na obra *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, enfocando a personagem protagonista e também as personagens secundárias. O romance foi publicado em 1859 e aborda um diálogo entre o literário e o histórico, denunciando as desigualdades sociais do Brasil oitocentista que atingiam, principalmente, negros e mulheres. O trabalho teve como objetivo analisar criticamente a construção da figura feminina na obra e como as personagens sustentam ou invalidam as representações da mulher da época escravista. Através de uma análise com base em estudos sobre o Romantismo Brasileiro, o papel da mulher no século XIX e a figura do negro neste mesmo contexto histórico, investigamos como Maria Firmina revela as relações ainda desiguais da época e aponta possibilidades de mudança a partir de uma nova perspectiva sobre as mulheres e os negros. Nosso estudo oferece uma fonte de análise sobre as personagens de *Úrsula*, mas também sobre a resistência da escrita de Maria Firmina. O estudo da obra contribui para a construção da memória afro-brasileira, não somente através da análise dos elementos literários, mas também sobre a autora e sua contribuição para a literatura brasileira ao desconstruir discursos sobre mulheres e negros no Brasil oitocentista e por, através da escrita, ajudar a romper com o modelo ditado na historiografia literária do Romantismo.

**Palavras-chave:** Personagem de Ficção; Gênero; Subversão.

**Abstract:** *This paper aims to present a review of woman representation in the literary work *Ursula* of Brazilian authoress Maria Firmina dos Reis. The protagonist character was focused, as well as supporting characters. In this novel, which was published in 1859, it is proposed a literary and historical dialogue. It is reported social inequality in the nineteenth century Brazil, supported mainly against women and black people. The objectives of this paper were to evaluate the construction of female figure from slavery period besides the approval and disapproval of female representations by the characters. It was investigated the way Maria Firmina revealed the social inequality from that time and indicated possibilities of change through a new perspective over women and black people. The investigation was based on the literary movement Brazilian Romanticism and on women roles and black people figures during the same historical context. This study presents an information source of *Ursula* characters, as well as information about Maria Firmina's literary creation resistance. The study of this work collaborates on African-Brazilian memory consolidation, corresponding to analysis of the novel literary elements. It also reveals the authoress contribution with Brazilian literature on deconstruction of usual narratives about women and black people in the XIX century in Brazil. By the literary composition, Maria Firmina supported the disruption with the dictated model in Brazilian Romanticism literary historiography.*

**Keywords:** Fiction character; gender; subversion.



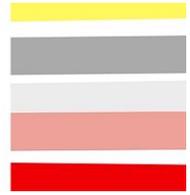
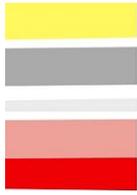
## 1 Introdução

Na literatura brasileira, durante muito tempo, as escritoras femininas foram excluídas do cânone literário. Isso refletia a sociedade patriarcal que limitava os direitos da mulher, inclusive, o de escrever. As personagens femininas das obras literárias também mostravam um espelho das sociedades, onde antes a personagem mulher representava papéis sociais de submissão e obediência.

Ao tratarmos da escrita da mulher negra, faz-se necessário um recorte, pois as barreiras de gênero e raça que permeavam a escrita literária atingiam, principalmente, esse grupo. Mulheres negras escreveram durante a escravidão, mas sofriam com invisibilidade ou branqueamento. As personagens femininas afrodescendentes foram construídas sob a ótica de estereótipos da escravidão. Esses padrões foram mudando lentamente quando mulheres, algumas delas negras, começaram a escrever.

No âmbito da discussão sobre a necessidade de falar sobre a escrita feminina negra, escolhemos o romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e as personagens femininas da narrativa como objeto de estudo desse artigo. Desta forma, pretendemos analisar a representação da mulher no romanceno contexto histórico de 1859, ano em que a obra foi escrita. Considerado o primeiro romance abolicionista de autoria feminina, a obra ficou desconhecida até 1962, quando foi descoberta em um sebo do Rio de Janeiro, ganhando o grande público. Essa repercussão tardia revela como as escritoras negras encontraram dificuldades ao produzir e publicar.

Além do estudo da obra, analisaremos a biografia da autora e o contexto histórico do século XIX, para investigar como o tempo, o espaço e as ideologias vigentes no período influenciaram a escrita do romance. A revisão da literatura será voltada para a crítica literária de autoria feminina negra, baseando-nos também na crítica feminista, para analisar as questões referentes às personagens femininas afrodescendentes e suas possíveis ações subversivas.



## 2 A posição do negro no Romantismo Brasileiro

O patriarcalismo sempre tratou a questão de gênero como uma forma de poder, e na literatura não foi diferente. Muito tardiamente, os estudos feministas questionaram a maneira de fazer literatura, essa nova perspectiva rompe com os discursos cristalizados, facilitando a visibilidade da literatura feita por mulheres. Presentemente, a mulher é vista não apenas como uma personagem que compõe a literatura masculina, mas também como participante na produção crítica e literária. No entanto, esse processo foi longo e cruel, muitas escritoras foram apagadas completamente da história da nossa literatura e os poucos nomes que temos, principalmente dos séculos anteriores ao XX, são pontuais. A própria História apagou os feitos das mulheres que de alguma forma estiveram sempre se articulando, antes de maneira mais tímida e depois como movimento organizado. É importante salientar que

a história das mulheres é uma história recente, porque, desde que a História existe como disciplina científica, ou seja, desde o século XIX, o seu lugar dependeu das representações dos homens, que foram, por muito tempo, os únicos historiadores. Estes escreveram a história dos homens, apresentada como universal, e a história das mulheres, desenvolveu-se a sua margem. Ao descreverem as mulheres, serem seus porta-vozes, os historiadores ocultaram-nas como sujeitos, tornaram-nas invisíveis (STREY; CABEDA, 2004, p. 25).

Maria Firmina dos Reis atua no século XIX para além das barreiras de gênero, enfrentando também outros muros da literatura por ser uma mulher afro-brasileira. Eduardo de Assis Duarte elaborou um levantamento de autores e autoras negras que atuaram no cenário literário até a contemporaneidade e Maria Firmina aparece como a única mulher negra no século XIX nos estudos do volume I, sobre os precursores. A respeito dessas produções, o estudo de Duarte analisa que:

Sobretudo no passado: falar de sua condição de escravizado, ou de homem livre na sociedade escravocrata, levantar sua voz contra a barbárie do cativo; ou já no século XX, enquanto sujeito dolosamente integrado o regime do trabalho assalariado; ou excluído e submetido às amarras do preconceito, com suas mordças. Apesar de tudo, muitos falaram, escreveram, publicaram. (DUARTE, 2011, p. 14)

Com o objetivo de se afastar do colonizador e do modelo ocidental de vivência, o Romantismo Brasileiro se destaca pela finalidade de construir uma ideia de identidade nacional livre das interferências do colonizador português, como explica Bosi “[...] o

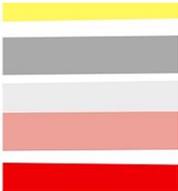
A VOZ FEMININA E NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA:

A AUTORA E AS PERSONAGENS DE ÚRSULA

Afluentes, UFMA/Campus III, v.3, n. 8, p. 62-81, mai./ago. 2018 ISSN 2525-3441



# AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

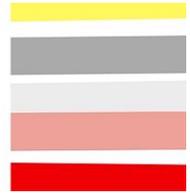
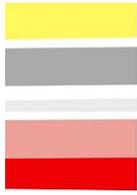


Romantismo expressa os sentimentos dos descontentes com as novas estruturas: a nobreza, que já caiu, e a pequena burguesia que ainda não subiu: de onde, as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que pontuam todo movimento” (BOSI, 1995, p.91). Para tanto, apoia-se nas origens do Brasil, ou seja, nos índios. José de Alencar, o grande nome desse período, escreve sobre a mistura, celebrando o diálogo entre o índio e o branco, pilares da formação identitária nacional. No entanto, essa aproximação harmoniosa é questionável, visto que a romantização dessa relação deixa de lado a luta dos indígenas que resistiram à chegada dos portugueses e também exclui a população negra, como se não existisse e como se não tivesse contribuído para a formação histórica e sociocultural brasileira.

Para construir uma ideia de nacionalidade e se afastar dos elementos da literatura portuguesa, a linguagem, o enredo, as personagens, o espaço foram reorganizados e voltados para o Brasil, como explica Antonio Candido, ao dizer que a literatura, a partir deste período, passou por um processo de abasileiramento, “uma tomada de consciência que se estabelecia como posição pré-portuguesa ou antiportuguesa”(CANDIDO, 2006, p. 98).

Ao estudar o Romantismo, é possível observar como a literatura fora excludente mesmo com o objetivo de criar uma identidade nacional. Escritores brancos escreviam sobre índios heróis e românticos que aceitavam o colonizador de maneira pacífica. Escritores homens escreviam sobre mulheres submissas, excluindo negros da formação social brasileira, porque o contexto do romantismo animalizava e escravizava a população negra, portanto, sua participação na literatura limitava-se a personagens que seguiam esse estereótipo. Contudo, mesmo no contexto de submissão e escravidão, mulheres e negros conseguiram produzir. Sem as mesmas chances, esses foram apagados da historiografia literária ou passaram por um processo de branqueamento para serem aceitos como escritores.

O Romantismo não é aberto à literatura feita por mulheres. No século XIX, a essas eram destinados os papéis domésticos, como serem boas filhas, esposas e mães. Na literatura, as mulheres eram leitoras, desviar desse exemplo feminino era afrontar o arquétipo de sociedade da época. Maria Firmina dos Reis, mulher e negra, não pertencia ao padrão de escritor romântico e suas personagens e enredo destoavam dos modelos vigentes nas obras românticas. Desta forma, a escritora se compromete com os sujeitos excluídos da literatura e da sociedade oitocentista: homens negros e mulheres negras. A literatura do século XIX silencia o negro ou o coloca em espaços de escravidão ou estereótipos negativos, como explica Rabassa:



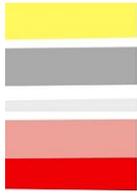
Na literatura produzida no Brasil até 1888, o negro apareceu em papéis diversos e sob ângulos diferentes. Os primeiros inscritos geralmente incluíam polêmicas contra ou a favor da escravidão, corrente que iria contribuir com outras obras até a abolição e, mesmo depois disso, em retrospectos. Como pessoa, o negro foi descrito como quase tudo cabível na escala humana de interpretação: uma figura semelhante a feras que servia apenas para o trabalho pesado, um selvagem em que não se pode confiar e que se revoltará na primeira oportunidade, um herói lutando contra uma opressão injusta, um servo fiel imbuído de grande amor por seu senhor, uma figura exótica que desperta desejo, um pobre ser humano rebaixado de anseios justos devido a uma instituição iníqua. Em poucas palavras, o negro apareceu sob quase todos os ângulos concebíveis pelos autores que dele se ocuparam (RABASSA, 1965, p. 324).

Em seu romance *Úrsula*, Maria Firmina apresenta uma narrativa esteticamente típica do Romantismo: o enredo romântico, o amor que não triunfa, um triângulo amoroso, a morte e outros temas comuns nos romances do século XIX. Não obstante, as vivências dos escravos descritas na narrativa oferecem fortes traços de crítica social, apresentando uma narrativa consciente das condições do negro no período escravista, além de denunciar os maus tratos sofridos pelos negros na época, em que navios negreiros traziam africanos para serem escravizados no Brasil. Mesmo com todos os elementos que poderiam levar a obra ao sucesso de público, pois era uma narrativa que seguia os modelos que ganhavam repercussão na sociedade oitocentista, o romance não foi bem recebido. Zahidé Muzart atribui isso ao fato de o romance *Úrsula* “ter sido editado na periferia, longe da Corte, e por ser de uma mulher e negra” (2000, p. 266).

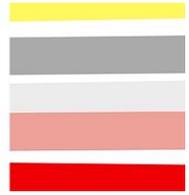
É na condição de mulher e afro-brasileira que Maria Firmina escreve sobre as principais vítimas do sistema patriarcal e de segregação racial vigente no século XIX no Brasil. Ao inserir em seu romance personagens escravos, protagonistas mulheres e negras, além de discurso voltado para a denúncia, a escritora se posiciona, escrevendo de seu lugar social com propriedade de fala.

### **3 Maria Firmina dos Reis, escrita de resistência**

Escrever é uma ferramenta poderosa e por muito tempo pertencia majoritariamente aos homens. A literatura feita por mulheres é recente e diferente, pois carrega a história de luta pela inserção das mulheres no cenário literário, permeada por anos de silenciamento, branqueamento (no que diz respeito às mulheres negras), violências simbólicas e tantas outras formas de opressão que tentavam impedir a mulher de escrever. É uma escrita sobre as



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



vivências femininas, sobre resistência, as especificidades de escrever como mulher e sobre mulheres. Lygia Fagundes Telles fala sobre essa escrita como experiência:

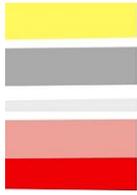
A literatura feminina tem [...] uma fisionomia própria [...] decorrente da situação da mulher, das suas raízes históricas... a mulher vem tradicionalmente de uma servidão absoluta através do tempo e a mulher brasileira mais do que as mulheres do mundo... Quando as mulheres do mundo já se comunicavam, através, por exemplo, das cartas, as correspondências das mulheres de salões, a mulher brasileira estava fechada em casa, vivendo a vida das senhoras das fazendas, da senhora da casa grande... Viviam aprisionadas. Não sabiam ler, não sabiam nem sequer escrever, não sabiam coisa nenhuma. (TELLES, 1997, p. 57).

A crítica feminista estuda esse empoderamento tardio das mulheres, que eram criadas para esposas e não para exercer profissões que exigiam liberdade de expressão. Ao longo do tempo, mulheres refletiam e enxergavam a desigualdade de gênero e ao unir-se com outras mulheres para reivindicar esses direitos, elas chegaram à política, às escolas e às universidades. Com isso, elas passaram a escrever sobre as próprias experiências e resistências, criando, assim, a crítica feminista e a literatura escrita por mulheres. Essa escrita, portanto, foi responsável pela resignificação da literatura, pois rompe com o padrão de escrita e escritor. As personagens também sofrem uma mudança e, portanto, a representação feminina nas obras literárias. Personagens que antes eram delineadas por escritores homens, apresentando, geralmente, um ideal de heroína branca, bonita, rica, gentil e boa esposa, passam a ser mulheres que questionam e que vão à luta, que se separam de seus maridos ou nem casam, que não romantizam a maternidade e que apresentam uma diversidade de traços físicos e de personalidade.

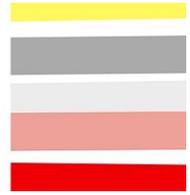
Maria Firmina é uma das primeiras mulheres brasileiras a se colocar contra o modelo hegemônico de literatura. Mesmo diante da invisibilização, conseguiu produzir, inclusive, fazendo uma crítica a esse processo de apagamento pelo qual as mulheres passavam. No prólogo de *Úrsula*, Maria Firmina escreve:

[...] Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem, com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cabedal intelectual é quase nulo. (REIS, 2009, p. 13).

Nascida na então Província do Maranhão, em 11 de outubro de 1825, Maria Firmina dos Reis era filha de mãe portuguesa e de um pai escravizado. Segundo Mott (1988), Maria



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

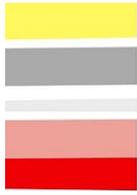


Firmina, ao ser acolhida pela tia materna ainda criança, pode se distanciar do contexto de segregação racial e social do período oitocentista, o que ajudou na sua educação. Vivendo no Nordeste brasileiro e, portanto, longe da Corte, Maria Firmina tinha vivências específicas das mulheres nordestinas que, muito mais que as mulheres das demais regiões, sofriam com papéis destinados exclusivamente aos cuidados domésticos e, no caso das mulheres negras escravizadas, ao trabalho escravo. Mary Del Priore explica que:

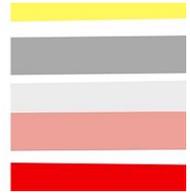
No nordeste, (...), vamos encontrar uma sociedade altamente estratificada entre homens e mulheres entre ricos e pobres, entre livres e escravos ou brancos e caboclos. Na hierarquia estabelecida entre mulheres haviam as senhoras, “dona fulana” ou apenas “dona”; em seguida as “papias” ou “cunhas”, manteúdas pelo fazendeiro, mais tarde pelo político provincial e depois as escravas e negras. As mulheres de classe mais abastada não tinham muitas atividades fora do lar. Eram treinadas para desempenhar o papel de mães e exercer as prendas domésticas. (PRIORI, 2010, p. 137)

No contexto em que a obra foi escrita, as relações de poder eram determinadas socialmente e o senhorio detinha o domínio enquanto os escravos eram os dominados. Em *Úrsula*, Maria Firmina possibilita o discurso dos excluídos e podemos fazer uma análise sob a perspectiva dos escravizados, das minorias. A invisibilidade sofrida pela escritora maranhense está ligada ao fato de sua escrita desordenar o modo como a literatura desenhava a figura das mulheres e dos negros no século XIX, visto que Maria Firmina muda os espaços sociais desses personagens, tirando-os do lugar determinado de secundários, mostrando seu discurso protagonista e denunciante. Ao mudar essa ordem, ela também insere um discurso de resistência e de desconstrução e reconstrução de identidades, apresentando o cotidiano dos escravos, seus sentimentos, escolhas e lutas, ou seja, o papel ativo desses sujeitos na mudança social.

Maria Firmina rompe com o padrão de escrita da época ao escrever como mulher e sobre as mulheres. As personagens de *Úrsula* são vozes ativas, são protagonistas, são denunciantes e são mulheres negras. Portanto, o papel secundário das personagens femininas vistas em outros romances é substituído por mulheres negras que protagonizam sua própria história. No século XIX, as afrodescendentes eram escravas e as que eram livres sofriam com as barreiras do racismo que as impediam de possuir as mesmas vivências das mulheres brancas, que também sofriam com o sistema patriarcal, mas não com as mesmas violências que as mulheres negras. Maria Firmina reestrutura a forma de contar a história das mulheres negras, dando voz às suas personagens para que representem outras afrodescendentes, como a



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



história da própria escritora, porque, como explica Mary Del Priore, a perspectiva feminina sobre si mesma é diferente, pois carrega uma coletividade de representação e resistência:

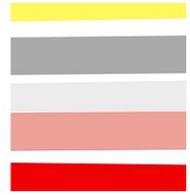
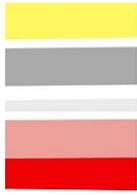
A história das mulheres não é só delas, é também a história da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história de seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofreram e que praticaram, da sua loucura, dos seus amores e dos seus sentimentos (PRIORE, 2010 apud MENDES, 2012, p. 4).

A escrita anti-escravista de Maria Firmina revela um Brasil, ainda escondido nas outras obras românticas, interessadas em construir uma identidade brasileira representativa do bom homem branco e o índio passivo. A autora maranhense retira a cortina literária que escondia um Brasil racista, que violentava negros e os obrigava a servir senhores brancos em troca de sobrevivência, ela expõe outro grupo que ajudava a construir a formação social do país esquecido pela maioria dos grandes estudiosos e escritores da época: os negros.

As personagens secundárias do romance ganham protagonismo, mulheres e negros podem sentir e dizer o que sentem. Como a própria autora, que usa a Literatura para denunciar, mostrar sua revolta com a instituição desumana da escravidão e seu desejo em viver em uma sociedade em que mulheres e homens poderiam ter os mesmos direitos, um pensamento feminista, segundo Zahidé Muzart:

[...] no século XIX, as mulheres que escreveram, que desejaram viver da pena, que desejaram ter uma profissão de escritoras, eram feministas, pois só o desejo de sair do fechamento doméstico já indicava uma cabeça pensante e um desejo de subversão. E eram ligadas à literatura. Então, na origem, a literatura feminina no Brasil esteve ligada sempre a um feminismo incipiente. (MUZART, 1999 apud DUARTE, 2003, p. 153)

Atualmente, a obra de Maria Firmina é mais conhecida nas universidades em decorrência de algumas pesquisas feitas e estudos recentes sobre a história da literatura afro-brasileira. No entanto, as fontes sobre a vida e obra da escritora maranhense são poucas, tanto que a única imagem que tínhamos dela, até pouco tempo, era falsa e correspondia a de uma escritora branca e gaúcha chamada Maria Benedita Borman, que utilizava “Délia” como pseudônimo. A imagem circulou na internet por muito tempo e era usada como a única foto da autora. O reconhecimento à literatura de Maria Firmina é tardio e ainda pequeno, mas significativo. No entanto, saber que o rosto propagado como sendo dela é um rosto branco, é compreender como sua imagem, sua escrita, sua história, foram e ainda são invisibilizadas.



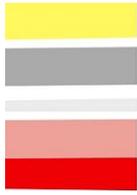
#### 4 As vozes femininas em *Úrsula*

As narrativas do Romantismo possuíam características semelhantes por estarem dentro de uma escola literária que seguia um modelo de produção. Desta forma, os elementos correspondiam a esse objetivo, como a linguagem poética, o espaço físico voltado para a descrição da natureza com o espírito de nacionalismo, o enredo preocupando-se com a ideia de Brasil, contando histórias que se voltam, geralmente, para o heroísmo, o triângulo amoroso, as personagens históricas responsáveis pela formação da identidade brasileira, entre outras temáticas.

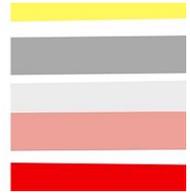
As personagens apresentam fortes traços do herói, da mocinha e do vilão como os sujeitos históricos vivenciando uma realidade social geralmente voltada para uma crítica e para a representação do real, como explica Beth Brait: “Com o advento do romantismo, chega a vez do romance psicológico, da confissão e da “análise de almas”, do romance histórico, romance de crítica e análise da realidade social.” (BRAIT, 1985, p. 38). Através da descrição das características físicas, ideológicas e sociais, da interpretação e análise dos discursos das personagens, é possível identificar traços desses sujeitos e caracterizar sua função na obra. Antonio Candido explica que:

A personagem é um ser fictício, — expressão que soa como paradoxo. De fato, como pode uma ficção ser? Como pode existir o que não existe? No entanto, a criação literária repousa sobre este paradoxo, e o problema da verossimilhança no romance depende desta possibilidade de um ser fictício, isto é, algo que, sendo uma criação da fantasia, comunica a impressão da mais lídima verdade existencial. Podemos dizer, portanto, que o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste. (CANDIDO, 1964, p. 12)

A obra é narrada em terceira pessoa e traz uma linguagem poética, que descreve o espaço natural de maneira exuberante e metafórico, elemento comum nas narrativas do Romantismo. O narrador observador, além das descrições físicas, mergulha no tempo e espaço psicológico das personagens, aproximando-se de seus sentimentos. É possível observar que o narrador se insere na narrativa, como se estivesse dentro das personagens ou fosse uma delas, fato comum nas narrativas escritas por mulheres, como explica Xavier:



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



As narrativas de autoria feminina falam sobretudo das mulheres e a primeira pessoa é a dominante. O tom confessional chega a confundir o leitor: narradora ou autora? Ficção ou autobiografia? Quando isso não ocorre, a intimidade entre narradora e personagem é tão grande que a introspecção fica garantida. Suas personagens têm dificuldade em sair de si mesmas, estão em busca de sua identidade, à procura de um espaço de autorrealização. (XAVIER, 1991, p. 12)

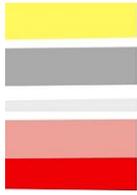
A narrativa centra-se no triângulo amoroso entre Tancredo, Úrsula e Fernando. Logo no primeiro capítulo conhecemos a situação que levou ao encontro do par romântico: Úrsula e Tancredo, que após sofrer um acidente ao cair de seu cavalo, é socorrido pelo escravo Túlio, que o leva ao casebre onde viviam a jovem Úrsula e sua mãe enferma, Luísa B. Tancredo, depois de muita febre e delírios, recupera-se e apaixona-se por Úrsula, que responde a essa paixão de maneira instantânea e fervorosa.

Quanto ao espaço, elemento relevante nas obras românticas, *Úrsula* traz uma descrição rica do espaço físico, principalmente da natureza, característica da afirmação da nacionalidade comum no Romantismo.

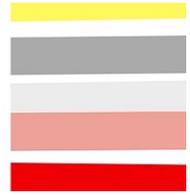
Era apenas o alvorecer do dia, ainda as aves entoavam seus meigos cantos de arrebatadora melodia, ainda a viração era tênue e mansa, ainda a flor desabrochada apenas não sentira a tepida e vivificadora acção do astro do dia, que sempre amante, mas sempre ingrato, desdenhoso, e cruel afaga-a, bebe-lhe o perfume, e depois deixa-a murchar, e desfolhar-se, sem ao menos dar-lhe uma lagrima de saudade!... Oh! o sol é como o homem maligno e perverso, que bafeja com halito impuro a donzella desvalida, e foge, e deixa entregue à vergonha, à desesperação, à morte! — e depois, ri-se e busca outra, e mais outra victima! A donzella e a flor choram em silêncio, e o seo choro ninguem o comprehende!... (REIS, 2009, p. 11)

O espaço psicológico, desenhado de maneira mais ampla, descreve as angústias iniciais de Úrsula ao tentar esconder seu amor por Tancredo. Buscando conter o sentimento que nutre pelo rapaz, ela se vê confusa e tenta entender como poderia estar apaixonada por alguém tão diferente dela. Em outro momento do romance, seu medo diante da figura do tio promove uma tensão na narrativa. Primeiro, na floresta, sozinha com o caçador que ela desconhece e, depois, com a presença dele em sua casa.

Em relação à mãe de Úrsula, Luísa B, o espaço físico é limitado, pois desde jovem esteve aprisionada à casa do pai, a do marido e, após a morte dele, à cama, já que sua deficiência a impedia de se locomover em outros espaços. Relacionamos esses elementos ao espaço psicológico da personagem, que sempre esteve na condição de submissão e dependência, além das violências que sofreu do marido: “- Ah! Senhor, - exclamou Luísa B...



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



reprimindo amarguradas lágrimas – sou tão desditosa, que falando de mim, só poderia dizer-vos coisas tão tristes e fastidiosas, que vos cansaríeis de as ouvir” (REIS, 2009, p. 99).

Para a personagem Susana, é possível comparar dois espaços físicos e associá-los às suas vivências. Enquanto em África ela era livre, sorria, podia correr pelas praias e tinha uma família, ou seja, lugar aberto, fresco, bonito; no caminho ao Brasil, vivenciou a escuridão, o fedor, a estreiteza do navio negreiro. Chegando ao Brasil, na senzala, manteve-se em um local escuro que podia ser comparado ao seu sentimento de prisão, abandono, tristeza e dor. Mesmo depois de livre, morava em um casebre minúsculo e pobre, semelhante ao seu sentimento de semi-liberdade, que estava sempre atrelado ao sentimento de revolta e saudade do tempo em que conhecera a liberdade plena, como podemos perceber neste trecho:

- Sim, para que estas lágrimas?!... Dizes bem! Elas são inúteis, meu Deus; mas é tributo de saudade, que não posso deixar de ren-der a tudo quanto me foi caro! Liberdade! liberdade!... ah! eu a gozei na minha mocidade! – continuou Susana com amargura – Túlio, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria às descarnadas e arenosas praias, [...] (REIS, 2009, p. 115)

A narrativa apresenta poucas personagens. Úrsula, a protagonista, é descrita muitas vezes com traços físicos indígenas e de mulher negra, outras, com traços de uma moça branca. O narrador a descreve como digna do amor de Tancredo, a moça ideal para fazer o jovem feliz, pois possuía todas as qualidades, sendo apresentada como uma flor delicada, caridosa, boa e frágil. Em um momento, a descrição de Úrsula se encaixa no ideal padrão da época para a personalidade feminina, como confirma os trechos a seguir:

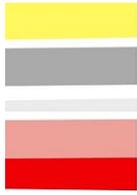
A lua ia já alta na azulada abóboda, prateando o cume das árvores, e a superfície da terra, e apesar disso, Úrsula, a mimosa filha de Luíza B... a flor daquelas solidões, não adormecera um instante. É que agora esse anjo de sublime doçura repartia com seu hóspede os diurnos cuidados, que dava a sua mãe enferma; e assim duplicadas as suas ocupações sentia fugir-lhe nessa noite o sono. (REIS, 2009, p. 32)

A narrativa apresenta duas personagens femininas que correspondem aos modelos de senhoras da época: a mãe de Tancredo e Adelaide, ex-noiva do protagonista que vem a casar com o pai de Tancredo após a morte de sua mãe. Conhecemos ambas através do discurso de Tancredo, que santifica a mãe e desmoraliza Adelaide. As personagens estão em espaços privilegiados, no entanto, o patriarcado ultrapassa as barreiras de classe social. A mãe de Tancredo, que não é nomeada na narrativa, sofre com as violências do marido, com a ausência

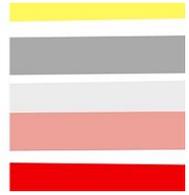
A VOZ FEMININA E NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA:

A AUTORA E AS PERSONAGENS DE ÚRSULA

Afluentes, UFMA/Campus III, v.3, n. 8, p. 62-81, mai./ago. 2018 ISSN 2525-3441



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



do filho, definhando até a morte. A personagem é violentada psicologicamente por esse marido até perder o ânimo e a força e seu papel como mãe e esposa é demarcado como causador de sua tristeza. Na narrativa, Tancredo descreve o que sua mãe sofreu:

[...] a outra atormentastes, torturastes, conduzistes lentamente à sepultura. Seu crime? Oh! meu pai... minha mãe era uma angélica mulher, e vós, implacável no vosso ódio, envenenaste-lhe a existência, a roubaste ao meu coração... Oh! suas cinzas, senhor, chamam justiça contra os autores de seus últimos pesares, contra aqueles que riram sobre suas dores. (REIS, 2009, p. 91)

Ao visualizar uma foto pendurada na parede naquela mãemostrava sua beleza e mocidade, caracterizada comas “madeixas de seus sedosos cabelos”, “fronte altiva e nobre coroava uns olhos ternos e expressivos e os lábios encarminados onde pairava angélico sorriso” (REIS, 2009, p. 78), Tancredo lamenta ao encontrá-la “demudada, macilenta e abatida pelos sofrimentos de tantos anos”, com o “semblante pálido e emagrecido” (REIS, 2009, p. 78) o jovem vê como o sofrimento que o pai ofereceu causou danos a sua mãe. Esse pai, no entanto, não sofreu mudanças em seu semblante, pois com “sessenta anos de existência não lhe haviam alterado as feições secas e austeras, só o tempo começava a alvejar-lhe os cabelos, outrora negros como a noite” (REIS, 2009, p. 78). Utilizando-se da comparação, a narrativa mostra como a opressão sofrida pela esposa causou, além da tristeza, um desgaste mais rápido à sua saúde, enquanto o marido mantém suas feições joviais, e também sua severidade.

Adelaide é descrita pelo mocinho como a maldição de sua vida. Tancredo negativa a imagem da personagem, por ela casar com o pai e não com ele. Sentindo-se abandonado, o jovem culpa Adelaide pelas desgraças que atingiram a família. Tancredo assume o lugar do narrador ao contar seu sofrimento, desenhando a imagem de Adelaide. A personagem é uma mulher rica e branca, no entanto, é silenciada pelo homem, que discursa contra ela sem que ela possa responder. O mocinho conta a história para Úrsula, que se sente comovida:

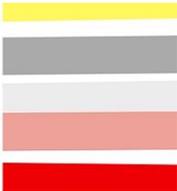
- Oh, não sei como não enlouqueci! Em trevas de desesperação tornou-se me a luz dos olhos, e todo o salão parecia ondular sob meus pés. A mulher, que tinha ante meus olhos, era um fantasma horrível, era um demônio de traições, que na mente abrasado de desesperação figurava-se-me sorrindo para mim com insultuoso escárnio. (REIS, 2009, p. 88)

Tancredo descreve Adelaide de maneira inferior à Úrsula, que se constitui como pura, casta e bondosa, enquanto Adelaide é apresentada como sendo “bela como um anjo, sedutora

A VOZ FEMININA E NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA:

A AUTORA E AS PERSONAGENS DE ÚRSULA

Afluentes, UFMA/Campus III, v.3, n. 8, p. 62-81, mai./ago. 2018 ISSN 2525-3441



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA

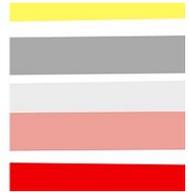
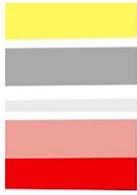
como uma fada, maligna como um demônio”, “mulher infame e desdenhosa, fria e impassível como estátua!... Assassina!” (REIS, 2009, p. 34). O ideal de mulher que se desejava alcançar no contexto da época era o de uma moça pacífica, dócil, frágil, ingênua, quase imaculada, características que ajudariam na reprodução e perpetuação do sistema patriarcal que subordinava as mulheres.

Outra personagem feminina que tem grande destaque na narrativa é a mãe de Úrsula, Luísa B, que descreve sua vida infeliz de maneira melancólica e envergonhada, de modo a se apresentar como alguém que nunca conheceu a felicidade plena. Uma mãe amorosa e preocupada, seus pensamentos se voltam apenas para o bem-estar da filha, não se importando consigo mesma. Carrega marcas psicológicas das violências do marido, que permeiam seu discurso com lembranças tristes: “[...] Paulo B...Não soube compreender a grandeza de meu amor, acumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões” (REIS, 2009, p. 102).

Em sua adolescência, Luísa B. sofreu com os ciúmes possessivos de seu irmão e, depois de casada, com a violência e as traições do marido. A vida de Luísa B., mulher pobre, que vive para a maternidade, representa um ideal de mulher que romantizava e perpetuava o discurso do instinto materno. Essa idealização das mulheres na época oitocentista atingia de maneira diferente as mulheres negras escravas, que estavam numa posição de inferioridade, onde cativos viviam sob ordens de senhores, que os violentavam de maneira cruel e desumana. Nesse contexto social, as escravas mulheres não eram idealizadas para o casamento, para a maternidade, para as mesmas vivências de mulheres brancas, como confirma Evaristo:

A ficção ainda se ancora nas imagens de um passado escravo, em que a mulher negra era considerada só como um corpo que cumpria as funções de força de trabalho, de um corpo-procriação de novos corpos para serem escravizados e/ou de um corpo-objeto de prazer do macho senhor. (EVARISTO, 2009, p. 22)

Luísa B., em suas últimas palavras antes da morte, mostra-se resistente ao sistema patriarcal vigente na época, que submetia mulheres a casamentos indesejados. Aconselhando sua filha Úrsula a fugir de seu tio Fernando, Luísa pretende livrar a filha de um romance forçado. Desta forma, o discurso destoa novamente das obras do período romântico, onde meninas não podiam escolher seus companheiros e se submetiam às escolhas das famílias. Luísa deseja um futuro diferente para a filha, que ela case com alguém que ame e que não seja



violento como Fernando: “Meu Deus! Perdoai-me, se peço nisto... Aconselho-te... que fujas...” (REIS, 2009, p. 151)

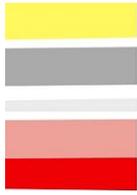
A última personagem feminina analisada é Susana, figura significativa para a intenção de denúncia da obra de Maria Firmina dos Reis. Preta Susana representa a escrava que sofreu a violência do período escravocrata desde que foi arrancada de seu país de origem e trazida para o Brasil nos navios negreiros. O discurso da personagem é carregado de revolta e denúncia, como mostra o seguinte trecho:

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativo no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos as praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como animais ferozes das nossas matas que se levam para recreio dos potentados da Europa (REIS, 2009, p. 117).

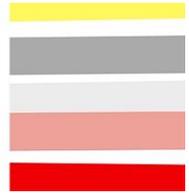
O capítulo nove, intitulado *Preta Susana*, traz a personagem que representa a mulher negra e escrava, que conheceu a felicidade quando vivia em seu país de origem antes de ser trazida para servir o senhorio escravista e passar a conviver com uma lembrança distante do que é liberdade “[...] mas a dor, que tenho no coração, só a morte poderá apagar! – meu marido, minha filha, minha terra... minha liberdade... E depois calou-se, e as lágrimas, que lhe banhavam o rosto rugoso, gotejaram na terra” (REIS, 2009, p. 119).

O discurso da personagem revela a vida cruel que os negros foram obrigados a levar. Nas falas de Susana, Maria Firmina dos Reis projeta as vozes de muitos outros escravizados, oprimidos, calados, violentados. A relevância da personagem está na sua característica como denunciante, construindo a identidade de quem vivenciou o período de escravidão. Dessa forma, o discurso tem uma perspectiva coletiva, característica de muitas obras da literatura afrodescendente, que representa em seus personagens uma coletividade. “Assim, a literatura negra se constrói não como um discurso de gratuidade, ou unicamente da realização estética, mas para expressar a consciência social do negro” (BERND, 1988, p. 53).

Ao descrever a personagem Susana fisicamente, se quebra os modelos estereotipados de mulher negra comuns na época, de mulher sensual, com curvas e beleza exótica “Susana chamava-se ela; trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras e descarnadas como todo o corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs” (REIS, 2009, p. 80).



## AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Na voz da personagem escrava Susana, Maria Firmina imprime um discurso que pertencia a tantos outros negros que viviam livres em África, construíram famílias, possuíam empregos dignos, tinham direito ao lazer e a vivenciar suas religiões livremente, mas foram brutalmente arrancados e levados a diversas partes do mundo para servir a senhores que criaram uma ideia de hierarquização, onde o branco estava no topo e o negro pertencia a uma sub-raça. Nas falas da personagem Susana, percebemos o discurso coletivo de revolta:

[...] E logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi embalde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível a sorte me reservava ainda longos combates [...] (REIS, 2009, p. 82).

A descrição minuciosa da escrava que vivenciou os maus tratos do navio negreiro e da senzala também relata as estratégias de sobrevivência e resistência criadas nesses espaços pelos escravos que não aceitavam passivamente a situação de escravidão e se rebelavam. A prática subversiva era respondida com violências físicas que deixam fortes marcas na memória de Susana:

[...] Dava-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca; vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. (REIS, 2009, p. 83)

Nos dois últimos dias não houve mais alimento. Os mais insofridos entraram a vozear. Grande deus! Da escotilha lançaram sobre nós água e breu fervendo, que escaldou-nos e veio dar morte aos cabeças do motim. (REIS, 2009, p. 83)

Em certo momento da narrativa, Preta Susana se nega a ajudar o comandante Fernando P. a achar Úrsula e Tancredo, que haviam fugido, sendo sentenciada à morte. Essa pequena resistência é muito significativa, pois negar auxílio ao seu senhor é tomar poder de lugar e fala. Depois de todas as experiências negativas vividas, a morte não a amedronta nem a entristece, Preta Suzana chora apenas de saudades de sua terra e de sua liberdade.

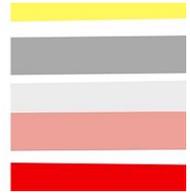
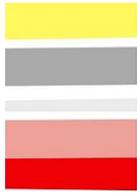
Maria Firmina dos Reis, uma mulher afro-descendente, nordestina, pobre, estava inserida em um quadro de opressão e submissão, entretanto, elaborou um discurso pioneiro no cenário do romantismo brasileiro e tornou público uma denúncia que possibilitou ao marginalizado o direito a contar sua própria história.

A escrita da autora maranhense se configura como um ato político e de resistência, uma vez que o contexto histórico em que Maria Firmina escreve era restrito e as mulheres

A VOZ FEMININA E NEGRA NA LITERATURA BRASILEIRA OITOCENTISTA:

A AUTORA E AS PERSONAGENS DE ÚRSULA

Afluentes, UFMA/Campus III, v.3, n. 8, p. 62-81, mai./ago. 2018 ISSN 2525-3441



ainda engatinhavam pelo direito à educação básica, aprender a ler e a escrever, como explica

Telles:

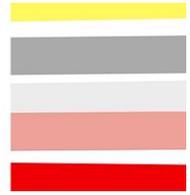
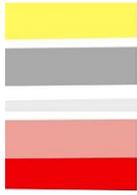
No século XIX, para as mulheres que pensaram ser algo mais do que ‘bonecas’ ou personagens literárias, os textos dos escritores colocaram problemas tanto literários quanto filosóficos, metafísicos e psicológicos. Como a cultura e os textos subordinam e aprisionam, as mulheres, antes de tentarem a pena cuidadosamente mantida fora do seu alcance, precisaram escapar dos textos masculinos que a definiam como ninharia, nulidade ou vacuidade. (TELLES, 1997, p. 408)

Maria Firmina tinha consciência que seu trabalho poderia impulsionar pensamentos semelhantes, como afirma no prólogo de *Úrsula*:

Não a desprezeis, antes amparai-a nos seus incertos e titubeantes passos para assim dar alento a autora de seus dias, que com essa proteção cultive mais o seu engenho (...) ou quando menos, sirva de bom acolhimento de incentivo para outras, que com imaginação mais brilhante, com educação mais acurada, com instrução mais vasta e liberal, tenham mais timidez do que nós” (REIS, 2009, p. 14).

Ao analisar a perspectiva de Maria Firmina, identificamos os aspectos desua escrita, considerada marginal, é também de denúncia e subversão. As personagens femininas subvertem o mandonismo das personagens masculinas e se tornam representações de mulheres que desobedecem, como Luísa B., que manda a filha fugir para não casar com o tio, como Susana que se nega a revelar ao senhor onde Úrsula se esconde, ou Úrsula que prefere a morte a submeter-se a um casamento forçado. As pequenas resistências tornam-se expressivas quando desenhamos um quadro do contexto cultural e histórico-social da época. Como explica Angela Davis, as resistências podiam ser perspicazes e mesmo assim incomodar o senhorio: “Em muitos casos, a resistência envolvia ações mais sutis do que revoltas, fugas e sabotagens. Incluía, por exemplo, aprender a ler e a escrever de forma clandestina, bem como a transmissão desse conhecimento aos demais” (DAVIS, 2016, p. 34).

Além disso, consegue denunciar as violências sofridas pela população negra que vivenciava a escravidão. A narrativa traz elementos como a liberdade que os africanos viviam em África e de como os senhores arrancavam essas mulheres, homens e crianças de suas famílias, de suas casas, de sua terra, metendo-os em navios negreiros que transportavam vidas livres para países que passavam a escravizá-los, definindo suas vidas como menores, portanto, inúteis e passíveis à violência, submissão e servidão, como lamenta e narra a personagem Susana:



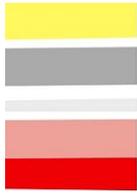
Tranqüila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente de meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria (...) e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres ... divagávamos em busca das mil conchinhas (...) mas tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei ... e com penhor dessa união veio uma filha, que era minha vida, as minhas ambições... E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, essa filha tão extremamente amada, ah Túlio! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! tudo, tudo até a própria liberdade! Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o mendubim eram em abundância em nossas roças. (...) Ainda não tinha vencido cem braças de caminho, quando um assobio, que repercutiu nas matas, me veio orientar acerca do perigo iminente... E logo dois homens apareceram, e me amarraram com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi embalde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se de minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. (...) Quando me arrancaram daqueles lugares, onde tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade... (REIS, 2009, p. 115)

A escrava Susana é descrita em vários aspectos e vista de maneira inovadora, já que a mulher escrava era considerada como peça, objeto, portanto, não podia ter traços humanizados. Apenas a sua força de trabalho era valorizada, como confirma Davis:

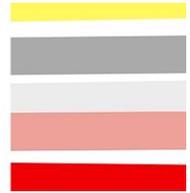
[...] as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos de escravidão. Como escravas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório. Aparentemente, portanto, o ponto de partida de qualquer exploração da vida das mulheres negras na escravidão seria uma avaliação de seu papel como trabalhadoras. (DAVIS, 2016, p. 17)

Maria Firmina desconstrói isso e coloca a personagem Susana como mãe, esposa e filha. Uma mulher que viveu a felicidade, mas também vivencia a tristeza, a solidão e a revolta. Os sentimentos atribuídos à personagem colocam a mulher escrava em situação semelhante às mulheres brancas, suas senhoras.

A narrativa apresenta as personagens como representação de uma realidade e com o desejo de uma sociedade igualitária. O romance permite que a mulher negra tome o lugar de fala e de ação, possibilitando formar um paralelo com a vida da própria autora que sai dos limites destinados a ela como mulher negra no Brasil oitocentista e assume o lugar de escritora e de denunciante. Beth Brait (1985) descreve as personagens que possuem uma aproximação com o escritor como “Porta-voz do autor”, que seria uma “soma das experiências vividas e projetadas por um autor em sua obra. Nesse sentido, a personagem seria um amálgama das observações e das virtualidades de seu criador” (BRAIT, 1985, p. 50).



# AFLUENTE: REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



Maria Firmina insere em seu romance personagens que também vivenciam o preconceito racial e de gênero que de alguma forma resistem e subvertem a situação de opressão. É possível perceber um diálogo, uma representação, uma fala da autora em seu próprio texto.

Esse discurso de subversão que Maria Firmina traz, faz de sua escrita uma feliz exceção. Com personagens que se mostram resistentes aos mandos senhoriais, que fogem, mentem, não cumprem as ordens, a autora traz os pequenos atos de subversão que esses sujeitos apresentam e que não podem ser vistos na maioria das produções da época, que traziam essas ações dos escravizados não como atos de resistência, mas como ações negativas. Na narrativa, por exemplo, Túlio grita com o seu senhor negando-se a ajudá-lo:

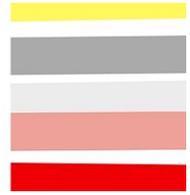
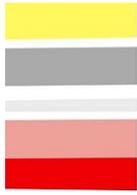
– Covarde! – bradou Túlio, esquecendo a pessoa com quem falava, e quanto essa palavra insultuosa o podia perder – matai-me muito embora, estou em vosso poder; mas não me insulteis! Não, nunca espereis que proteja um assassino, mormente contra aquele que me arrancou da escravidão! (REIS, 2009, p. 114)

Maria Firmina cria personagens femininas descentralizadas, construídas com características desordenadoras e que funcionam como um obstáculo que o homem deve superar. No contexto em que a autora escreve, essa perspectiva é considerada negativa, pois às mulheres cabiam papéis de servidão e delicadeza. A subversão, portanto, vai além da narrativa e personagens, está na escritora e na sua perspectiva inovadora comparada ao momento de produção.

## 5 Considerações finais

Ao longo deste artigo, mostramos como *Úrsula* é uma exceção no que concerne à literatura produzida no século XIX, por ser uma produção de autoria feminina e negra, escrita em um contexto histórico em que mulheres e negros viviam em situação de submissão e servidão.

Trazer à tona estudos sobre Maria Firmina e sua obra é contribuir para melhor compreender como se deu a formação social brasileira através de uma nova perspectiva, a visão de uma mulher negra que oferece voz aos socialmente silenciados. Portanto, o nosso trabalho mostrou como o Romantismo influenciou na estética do romance, mas também como o enredo e personagens destoam da maioria das produções da época, apontou também como

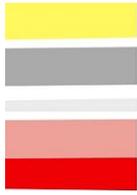


as personagens femininas negras e seus discursos funcionam como representação de uma realidade vivida por mulheres negras escravizadas e livres na segunda metade do século XIX.

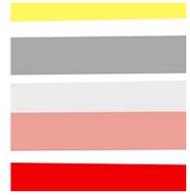
O romance revela que o Brasil do período oitocentista, que defendia o ideal de igualdade é, na verdade, uma nação patriarcal e escravocrata, que não dá direitos equânimes às mulheres, negros e pobres. Ao expor essa realidade através da literatura, Maria Firmina mostra como as relações ainda eram desiguais e aponta possibilidades de mudança.

### Referências

- BERND, Zilá. *O que é negritude*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Literatura e Identidade Nacional*. Porto Alegre: Ed. da Universidade / UFRGS, 1992.
- BRAIT, B. *A personagem*. São Paulo: Editora Ática, 1985.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 32. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.
- CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. São Paulo; Rio de Janeiro: FAPESP: Ouro sobre Azul, 2009.
- \_\_\_\_\_. *A personagem de Ficção*. São Paulo. 2ª Edição. Editora perspectiva, 1964.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. – 18ª Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. 1. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2016.
- DUARTE, Constância Lima. *Feminismo e Literatura no Brasil*. 2003.
- EVARISTO, Conceição. Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade. *Scripta*, Belo Horizonte, v. 13, n. 25, p. 17-31, 2º sem. 2009.
- MENDES, Algemira de Macedo. *Maria Firmina dos Reis: um marco na literatura afro-brasileira do século XIX*. XI Congresso Internacional da ABRALIC: Tessituras, Interações, Convergências. USP – São Paulo, 2008.
- MOTT, Maria Lúcia de Barros. *Escritoras negras resgatando a nossa história*. Rio de Janeiro: CIEC, 1989.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. In: MUZART, Z. L. (Org.). *Escritoras Brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Editora Mulheres, 2000.



AFLUENTE:  
REVISTA DE LETRAS E LINGUÍSTICA



NASCIMENTO, Juliano Carrupt do. *O romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis: estética e ideologia no Romantismo Brasileiro*. Universidade Federal do Rio de Janeiro: Rio de Janeiro, 2009. Dissertação de Mestrado.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. *Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis*. Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais: Belo Horizonte, 2007. Dissertação de Mestrado.

PRIORI, Mary Del. *A mulher na Literatura: criadora e criatura*. Academia Cearense de Letras; Regina Pamplona Fiúza. Fortaleza: Expressão Gráfica Editora, 2010.

RABASSA, Gregory. *O negro na ficção brasileira: meio século de história literária*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1965.

REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora LTDA, 2009.

STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. L.; PREHN, Denise R. (Orgs.). *Gênero e cultura: questões contemporâneas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

TELLES, Lygia Fagundes. A mulher escritora e o feminismo no Brasil. In: SHARPE, Peggy (Org.). *Entre resistir e identificar-se: para uma nova teoria da prática da narrativa brasileira de autoria feminina*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1997.

TELLES, Norma. *Encantações – escritoras e imaginação literária no Brasil no século XIX*. Tese de doutoramento, Mimeo: PUC de São Paulo, 1987.

XAVIER, Elódia. Reflexões sobre a narrativa de autoria feminina. In: XAVIER, Elódia (org.). *Tudo no feminino: a mulher e a narrativa brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1991.

**Recebido em: 14 de julho de 2018.**  
**Aprovado em: 12 de agosto de 2018.**